

LIGAS CAMPONESAS



1955 - 1964

Coleção Fazendo
História Nº 4

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST

Expediente:

Produção: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem terra - MST
Setor de Educação - Julho de 1997

Redação do texto e desenhos: Ana Claudia Pessôa

Digitação: Graciano Lorenzi

Ires Silene Escobar de Campos

Revisão final: Simone Valdete dos Santos

Neiva Marisa Bihain

Diagramação: Rodrigo Britto Calovi

Impressão: Editora Evangraf Ltda.

Pedidos: **Secretaria Nacional**

Rua Ministro de Godoy, 1484

05015-900 São Paulo/SP

Fone:(011) 864.8977

Fax: (011) 871.4612

Setor de Educação

Travessa Francisco Leonardo truda, 98

Ed. Brasília, 4º andar

900.10-050 - Porto alegre - RS

Fone: (051) 221.6429

Fax: (051) 221.9022

Apoio: MANUS UNIDAS

APRESENTAÇÃO



Amigo leitor!

Eu sou Joca!

*Abrindo essa bonita cartilha
você vai me conhecer.*

*Eu ainda menino com minha
mãe Zefinha e meu pai Se-
bastião, camponeses,
moradores da Galiléia em
Pernambuco, contamos a
história das Ligas Campo-
nesas.*

*Depois, eu já grande,
educador de Jovens e Adul-
tos, com minha esposa
Jandira participamos do
Movimento Sem Terra.*

*Você vai gostar dessa his-
tória!*

*Vamos lá, não perca tem-
po.*

Comece sua leitura!

HISTÓRIA DAS LIGAS CAMPONESAS

Havia um engenho que produzia cana-de-açúcar num pedaço de Pernambuco chamado de zona da mata, esse engenho chamava-se Galiléia, era lá que morava Joca desde que nasceu, junto com seus pais, Sr. Sebastião e Dona Zefinha.

O engenho, como muitos outros do Nordeste, já não estava produzindo e o dono morava na cidade de Vitória de Santa Antão, mas antes de ir morar de vez na cidade ele arrendou a terra para os trabalhadores produzirem enquanto ele não queria plantar.

Sr. Sebastião, assim como outros trabalhadores, plantavam com muita dificuldade suas roças para alimentar sua família e também vender o pouco que sobrava. Todos os dias ele ia cedinho com Joca e Dona Zefinha trabalhar no roçado para garantir a sobrevivência.



A vida não era fácil na Galiléia: a saúde dos trabalhadores era muito pouca e escola para as crianças também não tinha.

Um dia Joca chegou em casa aos gritos chamando por seu pai; tinha uma notícia horrível: seu padrinho, Sr. Zito, um homem já meio velho, que era muito trabalhador, estava na roça e foi picado por uma cobra venenosa. Quando Joca mal acabou de falar quase sem fôlego,

de tão cansado, Sr. Sebastião saiu correndo para ver o compadre que estava desmaiado e pediu pra Joca ir buscar a carroça para levá-lo a cidade.



No entanto, a cidade ficava muito longe e no caminho o compadre morreu. A família foi até a prefeitura, pediu um caixão emprestado para enterrar aquele trabalhador. - Empréstimo de caixão?! Pois é, nessa época, era o costume das prefeituras fazer os enterros de caridade que ao despejar o corpo da cova, trazia o caixão de volta para ser usado outras vezes. Aquilo era tão humilhante... e os trabalhadores da Galiléia já tinham enterrado 3 pessoas naquele ano, daquele mesmo jeito. No dia seguinte, foi feito um cortejo por alguns poucos trabalhadores rurais. E foi assim que os trabalhadores da Galiléia foram ficando muito insatisfeitos com aquela situação e com aquela vida...

Semanas se passaram, e aquela insatisfação não diminuía... Eles conversavam na roça, lavando roupa e até no barracão que, aquela vida tinha que mudar e que o pobre não podia viver daquela forma!....

Dali a alguns dias o Sr. Sebastião estava no meio de um círculo de camponeses da Galiléia falando dos seus problemas. Era a primeira reunião daqueles trabalhadores com a finalidade de discutir sua situação e se ajudar. Foi uma reunião difícil.

A falta de costume para reunir fazia com que falassem todos ao mesmo tempo ou calassem todos ao mesmo tempo. O tempo foi passando e depois de várias reuniões, experimentando o gosto de se reunir eles já haviam aprendido a lição: sabiam fazer reunião.

Cada vez vinha mais gente discutir, até que decidiram formar uma sociedade para buscar apoio para a produção e venda dos seus produtos. Criaram também uma “caixinha” para arrecadar fundos com benefício aos doentes da Galiléia que não pudessem se tratar também para as despesas dos enterros. Outra luta da Associação foi a fundação da escola.

O nome desta sociedade era SAPP, que significava Sociedade Agricultura de Plantadores e Pecuáristas de Pernambuco.



As crianças amigas de Joca e ele próprio achavam o nome muito engraçado, diziam que o nome parecia sapo e que a tal sociedade podia sair pulando, qualquer dia...

Com a ajuda do juiz da cidade e o esforço dos trabalhadores a festa de inauguração da SAPP estava quase pronta para começar; faltava só chegar o presidente de honra da sociedade, que aceitou a homenagem do convite: o patrão do engenho Galiléia. Ele logo chegou trazendo cachaça e confeito para as crianças. No seu discurso, o presidente de honra, autorizou a usar a madeira do engenho para construir a capela. A festa foi muito bonita, teve maracatu, ciranda, pastoril, quebra-panela e forró, também teve discursos que a criançada não gostava de ouvir. Todos se divertiam muito na festa.



No dia seguinte já começou a movimentação: iniciaram a construção da capela e o trabalho melhorava a cada dia com a criação da sociedade. Eis que aparece o filho do patrão, um jovem forte e “mandão”. E chegou reclamando e não gostou nada do que viu. Estando na casa do pai, em Vitória de Santo Antão, ele falou dos perigos da atitude tomada pelo pai junto aos trabalhadores do engenho. Ele dizia que aquilo não tinha cabimento:

- Você vai se arrepender de ter apoiado os trabalhadores, seu poder no engenho vai diminuir, o que eles estão fazendo é para reduzir o pagamento da renda da terra, uma hora eles podem tomar nossas terras e já vão querer fazer Reforma Agrária!

Os senhores de engenho da região, que tinham medo daquela idéia se espalhar, também tentavam convencê-lo disso, até que venceram. O patrão se arrependeu de ter aprovado a participação da sociedade.



O filho do patrão disse que queria criar gado em Galiléia e gado era o que ele precisa.

Chegando no engenho, o patrão disse aos membros da SAPP:

- Fui enganado por vocês com aquela história de associação e não vou mais permitir que ela exista. E tem mais. Vocês têm uma semana para achar um lugar para ir, vou trazer o gado do meu filho para criar aqui em Galiléia.

Os trabalhadores ficaram assustados e Joca correu para o posto junto com seus amiguinhos, Tião e Lia, para buscar seus cabritinhos, com medo de acontecer alguma coisa com eles. Todo mundo ficou muito aborrecido, começaram a chegar na frente da capela atendendo ao chamado de três companheiros da sociedade, para uma assembléia assim que o patrão foi embora. Um dizia que eles nunca enganaram o patrão, ele agora é quem chegava querendo tapear, outros diziam que tanto trabalho não podia ser jogado fora, concluíram que não iam sair de graça de Galiléia.

Durante a assembléia muitas pessoas falavam e todos diziam a mesma coisa:

- Não vamos sair, não vamos sair!

O prazo se vencia, e outros prazos que o patrão foi dando, venceram. Os trabalhadores sabiam que aquela situação não podia durar a vida toda...



Em outra assembléia, já quase sem esperança, um deles disse que ouviu falar que tinha um advogado que era deputado e que ajudava trabalhadores rurais e que morava no Recife. Ele seria última chance, uma vez que já tinham procurado ajuda com o governador que colocou eles pra fora do Palácio, os advogados que encontravam cobravam tudo muito caro. Então decidiram que em dois dias a comissão, que foi escolhida ali mesmo, procuraria o deputado para lhe contar a situação e pedir ajuda.

O dia marcado para ir à Recife foi um domingo. Mal amanhecia e a comissão já preparava a carroça com destino ao bairro Caxangá em Recife, onde encontraria o Deputado Francisco Julião.

Chegando na casa de Julião, acharam que alguma coisa estava errada, porque a casa, apesar de não ser muito nova, lembrava muito as casas de engenho, no tamanho e no modelo, enfrentaram o medo e bateram palmas para chamar alguém. Um homem lhes recebeu e os levou até Julião, para que pudessem conversar.

Julião era um homem alto, que estava sentado num canto da sala, lendo jornal. Quando ouviu toda história, Julião não teve dúvida e já foi dizendo:

- Vou defender vocês. Legalizem os papéis da Associação, registrando em atas e pagando taxas para que eu possa levar a justiça.

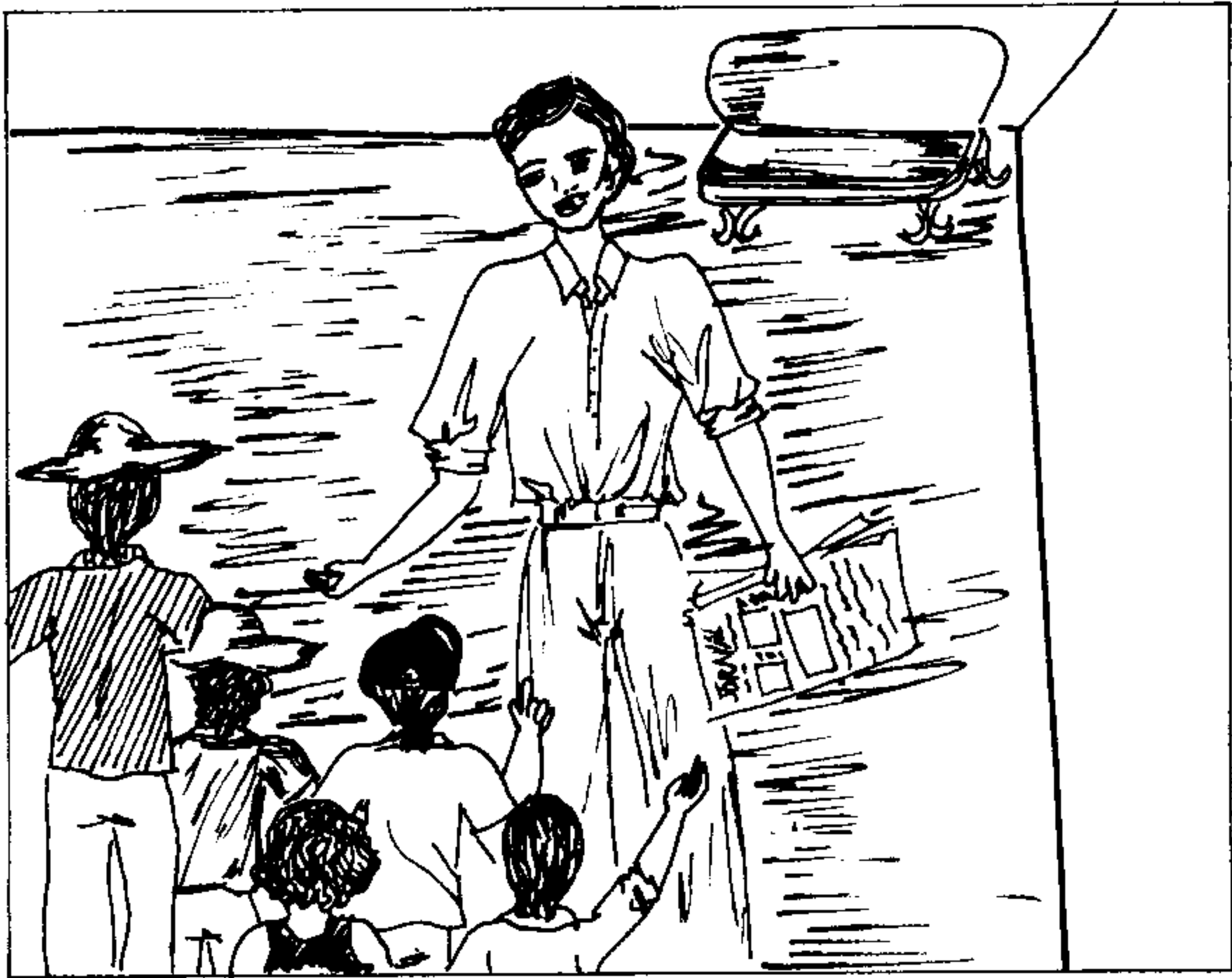
Um camponês então perguntou temeroso:

- Quanto o deputado vai cobrar pelo serviço?

Julião com muita serenidade respondeu:

- Nada. Eu sou deputado, recebo para defender o povo e ganho do Estado, e que não é pouco, para isso. Vocês já me pagaram.

Os camponeses saíram felizes da casa de Julião e combinaram uma visita dele no domingo seguinte no engenho da Galiléia para conhecer suas casas, a escola, suas plantações e tomar junto aquela cachacinha...



No domingo seguinte, como havia prometido, Julião visitou o engenho Galiléia, sendo recebido com muitas palmas, fogos e flores e aos poucos conquistou a simpatia dos trabalhadores que o tiveram como conselheiro durante muito tempo, lutando pela permanência deles na terra.

A raiva dos fazendeiros da região aumentava dia-a-dia, por isso mesmo a perseguição e às vezes até a morte fazia parte dos riscos de quem se organizava nas Ligas. Julião, algumas vezes, teve também que soltar trabalhadores que eram presos a mando dos fazendeiros.

Mas, não era só a raiva dos fazendeiros que crescia, também a fama da Galiléia que se espalhou por todos os cantos de Pernambuco e

começou à crescer fazendo surgir um Movimento chamado “Ligas Camponesas”. As Ligas Camponesas tiveram início no Engenho da Galiléia em Pernambuco em 1955 e duraram até 1964. O trabalho de Julião como conselheiro também aumentou e ele contava com a ajuda de mais uns dois ou três advogados que viajavam para a Paraíba e Alagoas para ajudar a organizar os trabalhadores e defendê-los quando era necessário. Para organizar melhor este trabalho, começaram a fazer escritório das Ligas Camponesas.



Depois de muita luta, os trabalhadores da Galiléia, conseguiram fazer com que o governador de Pernambuco, Cid Sampaio, desapropriasse Galiléia para os trabalhadores. Houveram muitas festas e comemorações, mas não parou por aí. A organização e as lutas da Liga de Galiléia passou a ser exemplo para os outros camponeses. Essa luta

organizada dos trabalhadores da Galiléia, resultou numa ação e conquista de Reforma Agrária na região.

Em maio de 1957 em Recife, as Ligas traziam 600 camponeses para comemorar o Dia do Trabalhador e em maio de 1958, mais de 3000 agricultores comemoravam também em Recife, 70 anos do fim da escravidão negra no Brasil.

Mas, não era só em Pernambuco que as Ligas eram fortes. Na Paraíba foi fundada uma Liga em Sapé, onde a exploração dos fazendeiros também tornava os trabalhadores quase escravos e era comum recorrerem à violência, pois não estavam acostumados a terem cobrança dos direitos dos trabalhadores.

Foi lá em Sapé, o conflito entre trabalhadores e pistoleiros do engenho, nesta ocasião muitos foram mortos e feridos. A história que se conta é que a terra pela qual lutavam foi presente da Princesa Isabel, mas os trabalhadores organizados sabem que a liberdade assim como a terra não se ganha, se conquista e com muita luta. Os fazendeiros fizeram vingança matando João Teixeira, uma forte liderança das Ligas da Paraíba.



Os ricos e poderosos ficavam satisfeitos com as Ligas e os latifundiários de vários estados do país, no Norte e no sul já conheciam a força dos trabalhadores organizados e nunca faltavam prisões e perseguições à quem se atrevia a entrar ou colaborar com as Ligas.

Houve também muitas brigas políticas para ver quem tomaria conta das Ligas e o interesse era muito grande, pois em março de 1963 foi aprovado a lei do trabalhador rural que dava aos mesmos vários direitos e benefícios e já se falava também no voto dos analfabetos.

Joca que vivia em Galiléia e já era um rapazinho gostava muito de escutar, e muitas vezes entendia tudo de que se tratava nas reuniões, era trabalhador e queria terra, porém não entendia porque tantas diferenças e dificuldades, as vezes falava para seu pai que “se num carro de boi, for um boi prá cada lado, a carroça além de não andar se quebra”.



Houve também conversas na Galiléia, que tinha dois padres que estavam atrapalhando à organização das Ligas e que esses padres

chamavam quem estava participando das Ligas, de comunistas. Isso era principalmente para o Dr. Julião. Joca ficava pensando por que aquilo acontecia, ele conheceu alguns padres que eram gente boa, um até fez o casamento da prima dele... A curiosidade dominou o danado e ele perguntou ao pai o que era comunista - se era um palavrão, se era pecado, doença ou o que era.

O pai, que já tinha participado de muitas reuniões, encontros e congressos sabia muito bem porque Joca estava perguntando, riu um pouco e começou a explicar.

Disse que o comunismo era onde tudo que existe era de todo mundo, uma coisa comum e que este era uma forma de vida. No comunismo existia solidariedade respeito entre as pessoas e elas partilhavam a comida, o trabalho, as alegrias, enfim, a vida. Mas que era difícil de acontecer porque no Nordeste e no Brasil era os latifundiários que mandavam. E citou um exemplo: como os índios, que não precisavam serem ricos para serem felizes. Joca entendia melhor assim com o exemplo dos índios.

Mas por ter entendido é que ficava ainda mais difícil de entender porquê as pessoas não gostavam de comunistas, ele só sabia que “aqueles que não gostavam dos trabalhadores não gostavam de comunistas”.

As ligas continuavam, mas tinha muitas dificuldades, faltava dinheiro e pessoas para coordenar e algumas Ligas não andavam muito “bem das pernas”, outras estavam organizadas e conseguiam fazer um bom trabalho, como era o caso de uma Liga na Paraíba onde atuava Assis Lemos.

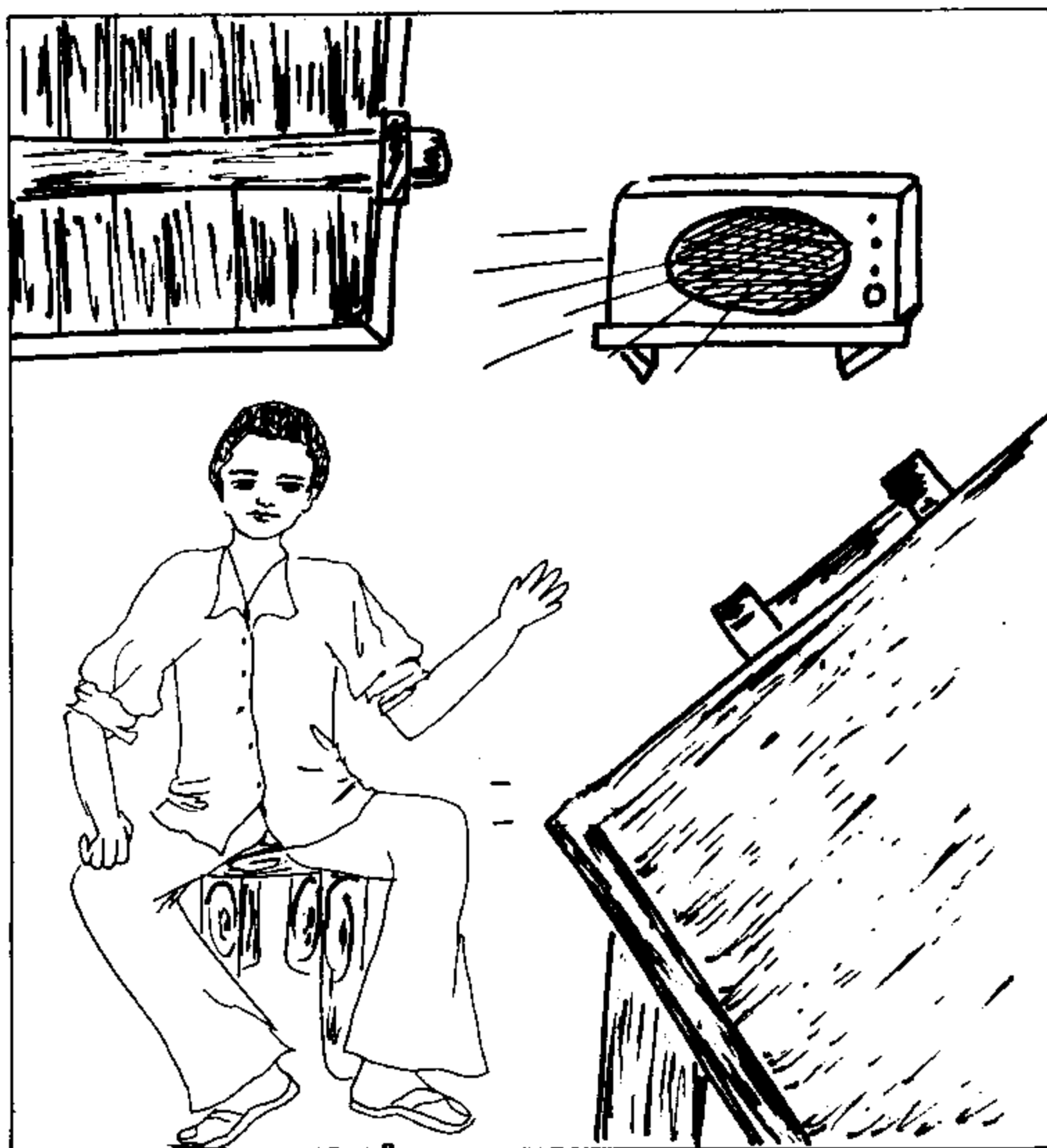
Numa noite, no engenho da Galiléia Sr. Sabastião e sua família estavam com medo pelo que podia acontecer. Tinham medo do futuro, queriam continuar vivos. E para espantar o medo, lembraram do começo da organização da Liga na Galiléia, das viagens que fizeram, dos cursos, dos congressos, das greves e dos movimentos pela legalização da posse das terras e invasões. Enquanto eles lembravam das tantas histórias, havia uma alegria de terem feito e passado por tudo aquilo.



Agora eram donos da própria terra e tinham aprendido tantas coisas, que a vida deles nunca mais seria a mesma, porém havia uma tristeza por tantos companheiros que estavam sendo presos e mortos.

Em uma noite o sono estava difícil de chegar. Depois da conversa todos foram para a frente da casa e ficaram no terreiro que estava limpo e vazio. Fazia um vento bom. Na madrugada, Joca e sua família ouviram latidos de cães e pessoas pedindo para que a polícia não as machucassem.

Os tempos eram difíceis, em 1964 o rádio anunciava prisões de gente das Ligas todos os dias. Joca “colava” o ouvido no rádio e ficava atento.



Uma noite, ao chegar da roça, ele jantou e foi descansar. Sentado junto do rádio, ouviu uma notícia muito séria: O exército e a polícia estavam procurando os líderes das Ligas. Joca desligou o rádio e ficou pensando em tudo o que estava acontecendo. Não podia mais se falar

de Reforma Agrária e tinha até estudante sendo procurado, quem mandava era um tal de Regime Militar. Joca começou a ficar com medo da tal ditadura, que era um jeito muito violento de se governar um país, isso o pai dele já tinha lhe explicado.

No dia seguinte Joca e Sr. Sebastião souberam de uns amigos que tinham sido presos, trabalharam assustados na roça e à noite deitaram em silêncio. Só o cachorro “Bola” é que uivava de vez enquanto. Por volta das nove horas da noite eles já estavam dormindo.

No dia seguinte, eles acordaram assustados com visita da polícia para prender Sr. Sebastião. Eram cinco horas da manhã quando três batidas fortes se ouviram. Sr. Sebastião levantou e abriu a porta e a polícia foi logo dizendo:

- Sebastião da Silva, esteja preso!

Ele ainda vestiu-se e diante da raiva e desespero do filho ele disse antes de sair de casa com os policiais:

- A REFORMA AGRÁRIA NÃO COMEÇOU, E NEM VAI TERMINAR COM AS LIGAS CAMPONESAS, MEU FILHO CUIDE DE SUA MÃE E DO NOSSO ROÇADO.



Chegando perto do filho para se despedir ele cochichou:

- Lute, lute sempre...

Disse a mulher que não se preocupasse que ele ia voltar e saiu preso por policiais que o empurravam e xingavam até o camburão.

Joca ficou com muita raiva dos policiais, não entendia porque o pai que não fazia mal a ninguém, não tinha roubado, e não tinha matado!... Por que eles o prenderam?

O medo de Joca não impediu que ele continuasse gostando e acreditando nas Ligas Camponesas. Joca continuou se reunindo com os trabalhadores, mesmo escondido, conheceu muitas pessoas boas que lutavam não só no campo mas também na cidade. Estas pessoas emprestavam livros para Joca e também promoviam cursos que ajudavam o povo entender a sociedade e se organizar pra lutar. Nem sempre terminava tudo bem...



Joca participou de várias atividades clandestinas, das Ligas em todo Brasil e com muito esforço conseguiu continuar na roça e terminar os seus estudos, formou-se professor e ensinava adultos à noite em sua casa, lá mesmo na Galiléia.

O tempo passou e Joca além de professor de Adultos, era agricultor. E Joca, num belo dia de primavera conheceu uma moça chamada Jandira, também agricultora, por quem se apaixonou. Os dois se casaram e juntos continuavam o trabalho de organização e educação dos camponeses da Galiléia. Joca tinha vontade de fazer com que a luta pelo direito dos trabalhadores da Galiléia fosse cada vez mais animada, como era antes da ditadura, porém todos ficavam com muito medo. O casal, Joca e Jandira, mesmo assim não desistiam...

Em 1988, Joca tinha ido até Recife para um curso de capacitação de professores, o curso tinha dois dias. Quando passou em frente do INCRA, Joca viu uma multidão de camponeses com bonés vermelhos e bandeiras nas mãos gritando: OCUPAR, RESISTIR, E PRODUZIR...

Ele não acreditava no que estava ouvindo, seu coração parecia que ia sair pela boca de tanta emoção e foi dizendo:

- "Motorista pára o ônibus, eu vou descer aqui mesmo".

Joca chegou no meio dos trabalhadores e foi logo perguntando:

- Da onde vocês vieram?

Um dos camponeses, com uma foice na mão, falou:

- Oh moço! Você está procurando alguém? - Perguntou desconfiado

Joca, com os olhos cheios de lágrimas, não contendo a emoção foi logo contando a sua história.

- Meu pai era um líder das Ligas Camponesas, foi preso durante a ditadura e me disse quando levado pelos policiais: - **Filho lute sempre...** e agora estou vendo a confirmação das últimas palavras do meu pai.



Assim ele conheceu o MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Joca, convivendo com os sem terra foi se dando por conta de como mudou o jeito de conquistar a terra: hoje por ocupação. Ocupações essas organizadas por um Movimento de caráter nacional, com decisões coletivas diferente do movimento que ele participou quando criança. E ao voltar para casa, ele e Jandira, foram tratando de procurar as ocupações existentes na sua região. Foram assumindo tarefas dentro do MST. E dessa forma eles hoje vivem, lutando pela Reforma Agrária, mostrando que essa luta tem que ser de toda a sociedade.

GLOSSÁRIO

Aborrecido - chateado, enraivado.

Arrendou - terreno que se alugou para plantio ou moradia para outra pessoa.

Atitude - determinação, iniciativa.

Caráter - firmeza de atividades

Ciranda - dança típica do litoral norte do estado de Pernambuco.

Clandestino - escondido, fora da lei.

Comunismo - sistema político que tem por finalidade a igualdade social e política entre as pessoas e que o poder é exercido pelos trabalhadores.

Cortejo - cortejar, seduzir, fazer a corte a alguém, enterro, é neste sentido que é usado no texto essa expressão.

Invasão - Na época, as Ligas Camponesas não haviam avançado no conceito atual presente no MST - Ocupações. Definição: entrar à força ou hostilmente em...

Ligas - nome dado ao movimento de camponeses criado nas terras do engenho Galiléia em Pernambuco.

Maracatú - dança folclórica de origem indígena típica da Zona da Mata de Pernambuco.

Palácio - sede do governo.

Pastoril - manifestação cultural ligada ao período natalino muito vivenciado no nordeste.

Regime Militar - dominação do Estado exercida pelos militares através da violência. Durou de 1964 à 1985.

Referências Bibliográficas

MARTINS, José de Souza. **Os Camponeses e a Política no Brasil**. 3º edição, Vozes, Petrópolis, 1986.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. **A geografia das Lutas no Campo**. 5º edição, São Paulo: Contexto, 1993.

PAGE, Joseph - A. **A Revolução que nunca Houve**.

ANDRADE, Jáder de. **Depoimento Realizado no período de Agosto à Setembro 1996 a Ana Claudia Pessôa**.

EDITORA
Evangraf
LTD.

Rua Waldomiro Schapke, 77 - POA - RS
Fone: (051) 336.2466 / Fax: 336.0422



Ligas Camponesas, 1955-1964: Sede da mais famosa das Ligas Camponesas, a do Engenho Galiléia, organizada no ano novo de 1955 — a Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco, em Vitória de Santo Antão. Quando houve o golpe de 64, as Ligas, além de serem hostilizadas pelo governo de Goulart, pelo Partido Comunista e pela Igreja Católica, estavam divididas internamente, o que as enfraquecera. A foto é de agosto de 1961.

Foto: AE — Agência Estado.



Ligas Camponesas, 1955-1964: Invasão de terras na Paraíba, em janeiro de 1964. As Ligas foram fortes em Pernambuco, na Paraíba e no Rio de Janeiro. Tiveram influência, porém, em outros estados, como Goiás e São Paulo.

Foto: AE — Agência Estado.

Cx 20
D. 11
MST